

PHOTO: Scott Nainer - DESIGN: Realty



# AURORA

um filme de Cristi Puiu



"Não existem assassinos, apenas pessoas que matam."

Cristi Puiu

## Sinopse

Aurora é a história da queda de um homem comum.  
Uma queda imperfeita e sem glória.

Viorel, 42 anos, pai de duas filhas pequenas, vagueia por Bucareste sentindo sempre a mesma estranha inquietação, a mesma urgência em acabar de vez com a instabilidade que reina na sua vida.

Talvez tenha chegado a hora de ajustar as contas com os outros e consigo mesmo.



## Comentário do Realizador

Passsei algum tempo a reflectir sobre os conceitos de crime e de homicídio depois de ver uma série de televisão sobre criminosos romenos, há alguns anos. O que me impressionou foi o facto de a maioria desses crimes serem perpetrados dentro de círculos de pessoas que se conheciam: pais, amigos, colegas de trabalho ou vizinhos.

Percebi também que, enquanto cidadão normal, eu só tinha acesso ao “mundo do crime”, esse território clandestino, através do cinema, da literatura e dos *media*.



Sempre achei que eles forneciam uma informação deturpada, quer do perfil dos assassinos como do próprio homicídio. Ao mesmo tempo que tentava criar uma imagem visual de um homicídio, começando com as provas e terminando com as confissões do assassino – muitas vezes a única testemunha do acto – comecei a entender mais ou menos como se desenrolavam os acontecimentos e como uma coisa levava a outra. No entanto, continuei a sentir que estava a aproximar-me cada vez mais do cinema do que da vida real.

Tendo isto em conta, e desejando evitar os lugares-comuns que muitas vezes são transmitidos pelos filmes, o meu objectivo com “Aurora” é reconstruir o acto de matar, integrando a história pessoal do criminoso no crime e evitando qualquer forma de discurso que tornaria o homicídio num acto extraordinário.

A confissão de um assassino parece, algumas vezes, chegar como explicação daquilo que se passou pela sua cabeça durante o crime. Mas como é possível recontar uma experiência tão extrema como tirar a vida a outra pessoa? Que comparação podemos fazer com a experiência de dar a morte a outro ser humano baseado na nossa experiência como pessoas que nunca mataram ninguém?

Depois de investigar, percebi que aquilo que sabia, ou pensava saber, sobre o mundo do crime não tinha qualquer semelhança com a realidade. Os criminosos são, assustadoramente, pessoas normais. Assustadoramente porque são muito parecidas com um homem vulgar, tão parecido comigo... Tão imperfeito quanto qualquer homem na rua, o criminoso, a vítima e o investigador, despidos de todo o glamour de Hollywood, pertencem obviamente a um mundo aparte, um mundo amaldiçoado, um mundo próximo de nós e que ao mesmo tempo nos é tão estranho.

Como é possível capturar em filme o assassino, o assassinato, o contexto em que o crime acontece, e as personagens do assassino e da vítima? Pode o significado de um assassinato encaixar dentro dos limites de um discurso cinematográfico?

Quanta liberdade tenho de inventar, dado que mesmo as representações documentais podem ser questionadas, uma vez que o momento do crime e o momento da confissão são dois momentos separados, e faça o que fizer, o crime real permanece diferente daquele que é recontado.



Para além das questões criadas por este tópico, e para além das minhas dúvidas acerca delas, trabalhei implacavelmente para fazer um filme “realista” e tentei tornar o clima tóxico que reina na Bucareste pós-comunista o mais exacto possível.

As exigências do documentário bem como do realismo são uma constante na minha visão geral do cinema; as imagens em bruto são depois acompanhadas pelo som gravado directamente. Trabalhei com actores profissionais e actores amadores e aproximei-me do filme da mesma forma que um investigador. Procurei reconstruir o acto de matar, descrevendo o lado negro das pessoas que vejo todos os dias: pessoas que nunca cometeram um homicídio.

## ENTREVISTA COM CRISTI PUIU

### **Como surgiu o projecto para AURORA?**

Em 2005, a televisão romena emitiu uma série de reportagens sobre criminosos. Isso levou-me até um tema que sempre me interessou. Cresci a ler romances de mistério, e ainda que o cinema fosse um campo estranho para mim naquela altura, vi muitos films noir na televisão. Aos dezasseis anos, deparei-me com os escritores que se tornaram os meus modelos: Dostoievski, Kafka, Camus, Borges e Sabato. “Crime e Castigo”, “O Estrangeiro” e “O Túnel” deixaram uma profunda impressão em mim quando era um rapaz. A pesquisa que realizei fundiu-se provavelmente com essas leituras todas. Finalmente, houve “Aurora”, de Murnau, uma espécie de conto de fadas, que é muito diferente da minha visão da vida. Encaro o cinema mais como uma ferramenta para a investigação da realidade. A respeito disso, “Aurora” é de certa forma o contraponto a “Aurora” [de Murnau].

### **Porque chamou ao seu filme AURORA?**

A madrugada é o início do dia; parece linda e cheia de esperança porque anuncia a luz. Quis que os espectadores reflectissem sobre essa ambiguidade tangível quando a luz toma conta da escuridão. Do ponto de vista dos sentidos, é um momento do dia que eu não gosto nada: sair de casa para a escola ao frio, um frio muito específico, isso foi o que eu quis evocar. Se escavarmos um pouco mais fundo, a estrela que anuncia a luz é Vénus, e Vénus – que em romeno se chama Luceafărul – está ligado a Lúcifer, o mensageiro da luz, o anjo favorito, que se transforma depois no demónio. Esta ambiguidade, a impossibilidade de distinguir o bem do mal é a ambiguidade da condição humana. “Aurora” não é um filme sobre o bem e o mal, que não são mais do que construções mentais, mas sim um filme sobre a ambiguidade e a impossibilidade de saber como nos relacionamos com o mundo, com os outros, e a impossibilidade da verdadeira comunicação.



## **AURORA é um filme sobre o acto de matar?**

Não, porque não estou interessado na motivação por trás do homicídio. Se questiona qual o motivo do assassinato, não entendeu o que está em jogo no filme. Este não é um filme sobre o acto de matar. Um filme sobre isso começaria no final do meu. Os investigadores perguntariam questões precisas sobre os motivos por trás do crime. Em ambos os casos, não há explicação para o acto; isto foi o que quis salientar com “Aurora”. No cinema, os criminosos são glamourosos e têm uma certa aura à sua volta. Este é um lamentável lugar-comum. Na verdade os assassinos são pessoas que matam, e pessoas que matam são pessoas comuns.

## **Não acha que retratar um assassino como um ser humano “comum” é provocador, ao banalizar o próprio acto de matar?**

Há uma tendência para mostrar um homicídio como algo dramático, mas é um acto trivial. A sociedade protege-se a si mesmo ao usar prisões. Elas acalmam a nossa consciência classificando as pessoas em categorias, como criminosos. AURORA não procura esse tipo de consciência tranquila, procura questões. O filme favorece a formalização de questões acerca do universo do crime, de indivíduos com comportamento criminoso e, de forma mais genérica, da violência que define as nossas relações com os outros. Não estou com isto a tentar defender os homicidas, longe disso. O que pretendo é que seja adoptada uma atitude racional, sem que seja negado o óbvio, nem excluído o nosso próprio potencial criminoso. Procuo a aceitação de que a violência é uma parte integrante da nossa condição e das nossas relações com os outros.

Quando alguém comete um homicídio, não deixa de ser um ser humano, e era nisso que eu estava interessado... AURORA entrega todas as informações a que se pode ter acesso ao observarmos este ser humano trivial. Matamos lado a lado com ele. Poderá deixar alguns espectadores desconfortáveis; porque a personagem não encaixa nos padrões daquilo que eles acreditam ser os assassinos.



**Como construiu o dia-a-dia de um assassino, fez alguma pesquisa especial?**

Pesquisei bastante durante cerca de dois anos; encontrei-me com criminosos, investigadores, juízes e cirurgiões forenses. Visitei uma prisão em Bucareste com um amigo procurador, para conseguir falar com criminosos, incluindo alguns que estão a cumprir prisão perpétua. Comprei uma grande colecção de documentários sobre homicidas. A maior parte está repleta de estereótipos, mas as imagens, os retratos e os pequenos gestos foram pistas valiosas. Cheguei finalmente à conclusão de que a

história de um criminoso tinha de ser a minha história, escrita por mim. Sou o protagonista, sou a Madame Bovary e também “Crime e Castigo”. Era a única abordagem possível...

### **O assassino parece não questionar as suas acções.**

Questionar um acto é um processo interior. Tive de deixar o Viorel, o protagonista, expressar-se através do seu corpo, dos seus olhos e gestos. Ele não fala muito mas põe questões a si mesmo. Não são perguntas faladas no entanto e isso pode parecer destabilizador. Neste filme, enfrentamos uma nova situação na qual em vez de termos respostas temos fragmentos da vida da personagem. Ele faz exactamente aquilo que qualquer pessoa faz quando está sozinha: olha, toca, mexe-se... As suas expressões, os seus gestos e as suas explicações são hipóteses. Cabe ao espectador reflectir, porque é ele quem interpreta o papel do investigador. Para além disso, realizei o filme de uma forma que encoraja os espectadores a adivinhar o que vai acontecer.

### **Considera que o Viorel é socialmente marginal?**

Não, seria mais fácil considerá-lo um marginal ou um rebelde. A história do cinema e da literatura tenderia a considerar Viorel como um herói. Mas o que é um herói? Os heróis não existem, o que existe é a necessidade de os termos: acordamo-los, imaginamo-los e depois criamos histórias... Essa necessidade de heróis, ainda que paradoxalmente, cria falsos heróis: “misfits”. Mas se pensarmos bem, somos todos “misfits”. Os heróis na vida real seriam os artistas ou génios, os que permanecem incompreendidos, enquanto que o homem normal é compreendido pelos seus contemporâneos. Mas esta linha de pensamento está errada. Ninguém nasce um herói. Torna-se, inadvertidamente, num herói.

### **Porque decidiu interpretar o papel principal?**

Não era suposto. Fiz audições com cerca de 60 actores, profissionais e não-profissionais, mas não me conseguia decidir. Foi assim que Clara Voda, que interpreta Gina, sugeriu que eu experimentasse (o que achei bizarro no início porque sou muito tímido). Mas experimentei, principalmente porque não me queria arrepender mais tarde de não o ter feito. O resultado não foi muito convincente mas havia algo nos olhos da personagem que eu tentei alcançar e que achei muito interessante. A minha

decisão esteve relacionada especificamente com algo que descobri na altura. O conceito do filme era o de que é impossível entrar na cabeça de alguém. No entanto, dirigir um actor significa ser capaz de entrar na sua mente. Percebi que tinha de interpretar o papel principal, o que foi muito assustador mas impossível de voltar atrás: tive de ir até ao fim, e foi isso que fiz.

### **De que forma AURORA se encaixa na série “Seis histórias dos Subúrbios de Bucareste”?**

É parte da série tal como “A Morte do Senhor Lazarescu”. É uma série inacabada, uma interrogação sobre o amor nos subúrbios de Bucareste, onde cresci. E dado que o amor tem tantas facetas, vou continuar a exprimir o que penso e aquilo que descobri. “A Morte do Senhor Lazarescu” era a história sobre o amor por um colega, baseado numa história verdadeira. AURORA é um filme baseado em várias histórias reais, é uma obra sintética. Ainda que “A Morte do Senhor Lazarescu” signifique muito para mim (tinha o meu avô em mente), AURORA é um filme que me diz mais. Não sei onde encaixa nesta série, se é a segunda parte, a quarta ou a quinta, mas é o filme que queria fazer agora. “A Morte do Senhor Lazarescu” era dedicado a Tânato, e o meu próximo filme deverá ser dedicado a Eros. AURORA é um filme sobre o elo perdido entre Tânato e Eros.



## BIOGRAFIA - cristi puiu



Cristi Puiu nasceu em Bucareste em 1967. Em 1992, depois da queda do Comunismo, começou a estudar Pintura na Escola Superior de Artes Visuais de Geneva antes de se interessar pelo cinema. Durante este período, realizou várias curtas-metragens e documentários. Após o seu regresso à Roménia, continuou a pintar, a co-escrever argumentos

com Razvan Radulescu e dirigiu a sua primeira longa-metragem, “Stuff and Dough” (2000). Este road movie, filmado com a câmara ao ombro e com um estilo quase documental, integrou a Quinzena dos Realizadores em Cannes e venceu diversos prémios em festivais de cinema, nomeadamente em Salónica (Grécia). Em 2004 venceu um Urso de Ouro, em Berlim, pela curta-metragem “Cigarettes and Coffee”. “A Morte do Senhor Lazarescu”, a sua segunda longa-metragem e a primeira parte da série “Seis Histórias dos Subúrbios de Bucareste”, venceu o prémio Un Certain Regard no Festival de Cannes.

AURORA, o seu último filme, integrou a Selecção Oficial da secção Un Certain Regard, na última edição do festival de Cannes.

## FILMOGRAFIA

**2000** – Stuff and Dough (longa-metragem; ficção) – Selecção Oficial – Quinzena dos Realizadores – Festival de Cannes

**2004** – Coffe and Cigarettes (curta-metragem; ficção) – Urso de Ouro de curta-metragem – Festival de Berlim 2004

**2005** – A Morte do Senhor Lazarescu (longa-metragem; ficção) – Prémio Un Certain Regard – Festival de Cannes

**2010** – Aurora (longa-metragem; ficção) – Selecção Oficial – Un Certain Regard – Festival de Cannes

E fez-se luz com a "Aurora" de Cristi Puiu  
Vasco câmara (público), em cannes

Da Roménia, as mortes do senhor Viorel. Na secção Un Certain Regard, estivemos três horas com um assassino. E que grande filme: Aurora, de Cristi Puiu

Viorel começa a matar à hora e meia de filme. Estamos a metade de "Aurora", a obra do romeno Cristi Puiu com título de luz que está o tempo todo na escuridão com um homem e a sua espingarda de caça.

Bucareste, Viorel tem 42 anos e o resto vamos percebendo ao longo das três horas de duração, como um puzzle aparentemente insondável que se recompõe como teia familiar e social sufocante: onde vive Viorel, com quem (não) vive, quem é a mulher daquela primeira cena de cama e a criança que dorme no quarto ao lado, quem são as crianças que ele espreita atrás das caravanas abandonadas no terreno baldio, quem é o homem que vive com a mãe, quem são as vítimas, quem são os vizinhos de cima que lhe inundam a casa, onde está a mãe das suas filhas...

Os olhos parados não denunciam nada de Viorel - há um sinal, no entanto: a arma que compra.

Exterior a tudo, até a si próprio, como se se tivesse ausentado - numa cena, no banho, apalpa o corpo à procura de um sinal, à descoberta de uma estranheza... -, só no momento em que dispara, quando a respiração se altera, é que este homem banal parece, enfim, palpitar, viver, sentir.

Viorel vai ver a luz (há qualquer coisa de via-sacra neste percurso, há algo de bressoniano, em fundo de realismo social, se isso fosse possível) quando se desembaraçar da sua tarefa, se entregar à polícia, discriminar as suas vítimas, configurar o puzzle da sua existência.

**Um retrato social**

Nós teremos sempre os indícios, que juntamos, de uma psicose individual para explicar Viorel. Ou os dados de um retrato social que estivemos três horas a juntar. Mas, como diz a personagem à polícia quando se entrega, tem "receio que vocês não tenham percebido nada".



Mesmo que não se percebam as mortes do senhor Viorel, percebe-se que é um grande filme, o de Cristi Puiu, cineasta que, com a tragicomédia nocturna "A Morte do Sr. Lazarescu", há cinco anos, atraiu as atenções para a nova vaga romena de que se fala e que em Cannes foi coroada, dois anos depois, com a Palma de Ouro a "4 Meses, 3 Semanas e 2 Dias", de Cristian Mungiu.

Uma câmara que observa - e acreditem que são necessárias estas três horas - e que, quando detecta, não enfatiza; os enquadramentos que subtil, mas permanentemente, nos entregam Viorel como ser estranho ao espaço físico e social que habita, como se nunca entrasse; Viorel, ele próprio, olhar frio, corpo de bom gigante (o corpo do próprio realizador, Cristi Puiu, e que grande actor Cristi Puiu é); esta coisa de a ficção ser aqui uma coisa mais intuída e adivinhada, à espreita; o sufoco que cede quando tudo parece claro e o assassino explica que não havia outra hipótese, que as leis da sociedade não conseguiram dar conta da complexidade que ia nele... Acreditem, vimos luz, "Aurora".

*Público, 14/05/2010*

## ELENCO

Cristi Puiu – Viorel

Clara Voda – Gina

Valeria Seciu - Pusa

Ileana Puiu – Olguta

Valentin Popescu - Doru

Gheorghe Ifrim – Vizinho

Luminita Gheorghiu – Mioara Avram

Catrinel Dumitrescu – Senhora Livinski

Celu Colceag – Senhor Livinski

## EQUIPA

Realização e Argumento: Cristi Puiu

Produtores: Anca Puiu, Bobby Paunescu

Fotografia: Viorel Sergovici

Som: André Rigaut

Montagem: Ioachim Stroe

Chefe de Produção: Gilda Conon

Co-Produtores: Philippe Bober, Dan Wechsler

Uma Co-Produção: Mandragora, Societé Parisienne de Production, Bord Cadre Films

Essential Filmproduktion

Em colaboração com ARTE France Cinéma, ZDF/ARTE, Societatea Romana de Televiziune, TSR/SSR, HBO Romania

Com o apoio de Centrul National al Cinematografiei Romania, Eurimages, SC Serv Invest SRL, OFC Section Cinéma, Centre

National de la Cinématographie



183 min - 35 mm - Cor - Roménia/França/Suíça/Alemanha - 2010